Desviantes: estigmatização e cidadania negada a mulheres gordas

Mayara Martins da Quinta Alves da Silva[1] 0000-0002-7343-3160
Simone Antoniaci Tuzzo[2] 0000-0001-9401-6510
Ana Carolina Rocha Pessoa Temer[3] 0000-0002-2142-5855
[1]Universidade Santo Amaro, São Paulo, SP, Brasil. 04743-030 – secretariaposgraduacao@unisa.br
[2]Universidade da Maia, Castêlo da Maia, Porto, Portugal. 4475-690 – info@umaia.pt
[3]Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil. 74690900 – ppgcom.fic@ufg.br

Resumo: *O objetivo deste trabalho é demonstrar como a representação imagética do corpo da mulher gorda, socialmente considerada como desviante e inadequada, pode afetar o bem-estar e o acesso à cidadania. Com essa finalidade, foi realizada a análise do relato de vida de oito mulheres gordas, centrada principalmente em como a estigmatização do corpo gordo impactou a vida dessas mulheres. A metodologia utilizada foi a História de Vida, desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, com base no vínculo entre recordadoras e entrevistadora. Os dados obtidos nos relatos foram investigados a partir da análise interpretativa de Leonor Arfuch. Os resultados demonstram como a estigmatização do corpo gordo, presente nas histórias de vida dessas mulheres, resultou em consequências negativas em suas vidas, afastando-as do acesso à cidadania.*
Palavras-chave: *estética; estigma; comunicação; gordofobia; corpo.*

Deviants: stigmatization and the denial of citizenship to fat women
Abstract: *This study examines how the visual representation of fat women's bodies – socially constructed as deviant and inadequate – affects their well-being and access to citizenship. Through life-story interviews with eight fat women, we analyze how fat stigmatization has shaped their lived experiences. The methodology employs Life History within a qualitative framework, emphasizing the relational dynamic between interviewees and researcher. Data were interpreted using Leonor Arfuch's narrative analysis. Findings reveal how fat stigma, pervasive in these women's narratives, led to negative life outcomes and restricted their full citizenship.*
Keywords: *aesthetics; stigma; communication; fatphobia; body.*

Desviantes: estigmatización y ciudadanía negada a mujeres gordas
Resumen: *Este trabajo demuestra cómo la representación visual del cuerpo de la mujer gorda – socialmente considerado desviante e inadecuado – afecta su bienestar y acceso a la ciudadanía. Se analizaron los relatos de vida de ocho mujeres gordas, centrándose en los efectos de la estigmatización corporal. La metodología siguió el enfoque cualitativo de Historias de Vida, basado en el vínculo entre entrevistadoras y participantes, con datos interpretados mediante el análisis narrativo de Leonor Arfuch. Los resultados evidencian que el estigma hacia el cuerpo gordo, presente en sus relatos, generó consecuencias negativas y limitó su ejercicio pleno de la ciudadanía.*
Palabras clave: *estética; estigma; comunicación; gordofobia; cuerpo.*

Introdução

No contexto global contemporâneo, as visualidades e os imperativos estéticos dominam as narrativas e aquilo que é considerado belo pelas mídias ganha espaço e *status* de regra e/ou normativa. Nesta lógica social, aquilo que é considerado feio é posto como inadequado, estigmatizado, desviante. Como consequência, a dualidade histórica dos corpos magros *versus* corpos gordos reflete com força normativas estéticas estigmatizantes que atingem com maior força as mulheres, como destacam Marina Paim, Bruna Selau e Douglas Kovaleski (2025, p. 6): "as pessoas em geral sofrem com a pressão estética, mas de forma ainda mais enfática as mulheres, por isso há uma grande transversalidade da gordofobia com a opressão de gênero, pois se você é mulher, deve ser bela".

Compreende-se como gordofobia as violências vivenciadas por pessoas gordas, em decorrência da aversão ao corpo gordo, construída historicamente, e da geração de um julgamento de culpabilização da pessoa gorda como pecadora e imoral (Georges Vigarello, 2012). Essa perspectiva do corpo gordo dialoga com as noções delimitadas por Agnes Arruda (2019), quando explica que classificar uma pessoa como gorda é, necessariamente, entender que há uma não aceitação social relacionada à forma física. Parte-se do entendimento de que a gordofobia está estritamente conectada ao processo de estigmatização do corpo gordo, especialmente do corpo de mulheres.

O panorama incivil das visualidades, de violências e imposições estéticas, associadas aos corpos das mulheres, é o ponto de partida deste artigo. A pergunta-problema que direciona este estudo é: como a estigmatização do corpo gordo impacta a vida de mulheres com esses corpos? Sendo uma questão ao mesmo tempo sensível e difícil, optou-se pela metodologia da História de Vida, que possibilitou uma análise interpretativa dos relatos, a partir das perspectivas analíticas estruturadas por Leonor Arfuch (2010). Foram analisados os trechos dos relatos de vida de oito mulheres que traziam pistas e respostas sobre sua relação com o corpo e a vida.

Destaca-se, neste ponto, que o vínculo construído entre recordadoras e entrevistadora, possibilitado pela História de Vida, é um elemento central nesta proposta de pesquisa. Ao construírem coletivamente o conhecimento, as recordadoras são elementos estruturantes de suas histórias, e não apenas fontes de informação; são protagonistas. A proposta, portanto, se dá a partir da valorização do protagonismo de mulheres gordas em suas próprias histórias. Entende-se, igualmente, que as narrativas trazem em si mesmas as potencialidades e dificuldades de cada história e, ao mesmo tempo, demonstram caminhos possíveis para construção de outras visualidades e vivências que vão além da dualidade gordo *versus* magro.

Para organização da estrutura textual, o artigo está dividido em cinco partes: introdução; desenho metodológico e contexto teórico associado à História de Vida; apresentação dos dados, com os relatos das protagonistas apresentadas; análise interpretativa, a partir do tensionamento dos principais conceitos e, por fim, considerações finais. A metodologia será apresentada na sequência, considerando a importância da História de Vida como possibilidade científica de abordagem qualitativa, mas também como estratégia para publicizar importantes histórias, como as das mulheres referenciadas a seguir. Parte-se do entendimento de que o recorte qualitativo traz importantes memórias à superfície do debate, para aquelas que foram escutadas, mas não é suficiente para modificar a estrutura social de invisibilização e esquecimento das histórias de tantas outras mulheres, singulares e com a mesma importância daquelas que aqui aparecem.

História de Vida: metodologia e possibilidades

A História de Vida, como método, tem como elemento central a compreensão de que a história é uma percepção subjetiva da realidade contada através de narrativas. Dessa forma, as histórias trazem à tona facetas do contexto social que se pretende pesquisar, capazes de expor as cruéis contradições sociais de grupos dilacerados (Ecléa Bosi, 1979).

No caso deste artigo, o relato das histórias de vidas apresentadas foi o caminho para compreender de que forma as visualidades associadas à magreza como modelo determinante do ponto de vista estético (algo a ser alcançado e seguido) afetaram as vivências dessas mulheres, em um contexto de violências simbólicas que foram avaliadas ao longo das lembranças.

Bosi (1979) destaca a necessidade de formação de um vínculo de amizade e confiança entre os entrevistados e os recordadores como elemento de grande importância para utilização do método História de Vida. Esse vínculo deve ir além de uma simpatia momentânea durante a pesquisa, mas ser resultado de uma troca e do desejo em ouvir e compreender a vida revelada.

Neste estudo, a utilização da História de Vida como proposta metodológica ultrapassa o momento das entrevistas ou da análise dos relatos, e se amplia para uma construção compartilhada do conhecimento, gerando transformação. As narrativas perpetuam experiências, mas modificam percepções, tanto em quem conta a história, quanto em quem aa acessa. Ao narrar momentos da vida, a história é recontada, ressignificada, o passado é reconstruído no

presente e novas formas de futuro se abrem. Na ressignificação das narrativas são desenvolvidas possibilidades de construção de uma nova realidade. Com isso, torna-se possível utilizar as histórias de vida como projeções de alteridades.

Foram entrevistadas oito mulheres gordas, adultas, residentes em Santos, São Vicente, Praia Grande e Cubatão,[1] que participaram de entrevistas realizadas no período de 18 de novembro de 2022 a 13 de outubro de 2023. As voluntárias, que participaram da pesquisa, são mulheres cisgênero, de maioria pretas/não brancas (cinco), heterossexuais (cinco) ou lésbicas (três), conforme autodeclaração e histórias narradas. Aline se identifica como não branca por ter um fenótipo que engloba características de pessoas pretas e indígenas.

A partir dos relatos de vida compartilhados foi desenvolvida uma análise interpretativa que buscou por detalhes nas lembranças, indícios que possibilitaram uma interpretação analítica sobre a estigmatização do corpo gordo presente nas vivências.

A análise interpretativa é baseada nas perspectivas de Arfuch (2010), que descreve a importância de um olhar atento para o momento analítico-interpretativo, a fase de imersão no universo existencial do sujeito a partir de seu relato, de sua memória materializada.

O rigor científico adotado neste estudo se afasta do naturalismo ingênuo de esperar "a validez do 'caso' como exemplo arquétipo para uma generalização" (Arfuch, 2010, p. 254). Assim, as respostas foram construídas sem a intenção de traçar generalizações, mas com a compreensão de que os relatos trazem aspectos que são singulares, mas, ao mesmo tempo, dizem respeito ao coletivo.

Arfuch (2010) destaca a importância de se confrontar os relatos e contextos e, principalmente, buscar as lógicas comunicacionais nas histórias, "[...] que se estabelecem entre os diferentes grupos, posições e entidades e, prioritariamente, entre as geradas no curso da entrevista, entre os pesquisadores e seus interlocutores" (Arfuch, 2010, p. 256). Parte-se da percepção de que a comunicação é constitutiva, e as lógicas comunicacionais são estruturantes para as tramas narrativas (Arfuch, 2010).

Com vistas a facilitar a análise e compreensão do material de pesquisa, os trechos dos relatos de vida[2] que se relacionam com a estigmatização do corpo gordo foram organizados em quadros analítico-interpretativos seguidos de textos interpretativos sobre as falas apresentadas e a relação com a teoria. Para segurança das recordadoras e garantia do anonimato, os nomes apresentados no texto são fictícios e obedecem a uma ordem alfabética, do primeiro ao oitavo relato, com as protagonistas: Aline, Beatriz, Cecília, Diana, Érica, Fátima, Giovana e Helena.

Quando entrevistadas, Aline estava com 32 anos. Ela é uma mulher não branca, lésbica, que fez graduação em Letras, é professora em uma escola particular do município de Praia Grande onde reside, além de ser estudante de psicanálise. Beatriz, 47 anos, é uma mulher branca, heterossexual, formada em Pedagogia, especializada em educação para pessoas com deficiência, área em que trabalha como professora no município de Cubatão, onde nasceu e reside.

Cecília, 34 anos, é uma mulher branca e lésbica. Cresceu com seus pais na Baixada Santista e reside em Santos. Foi atleta profissional de voleibol e é treinadora de vôlei de praia em equipes de competição. Diana, 55 anos, é uma mulher preta, heterossexual, e reside em Santos. Professora e psicóloga, afirma que a psicologia sempre foi uma paixão, que agora está conseguindo concretizar, trabalhando na área. Érica, 25 anos, é uma mulher preta, heterossexual, que reside na cidade de Praia Grande. Sua profissão de trancista foi passada de mãe para filha. Ela é empreendedora e tem um salão, erguido pela matriarca.

Fátima é uma mulher preta, heterossexual, de 48 anos. Já teve diversas profissões e trabalha desde muito nova. Atualmente, atua como auxiliar de limpeza em uma escola municipal de Cubatão, onde reside. Giovana, 32 anos, é psicóloga por formação. Uma mulher branca, lésbica, ativista, feminista, cidadã ativa na luta por seus direitos. Nascida em Bragança Paulista, mora em Praia Grande. Helena, 41 anos, reside em Santos e é uma mulher preta, heterossexual. Formada em Ciências Sociais e Pedagogia, atua na área da educação, com foco em educação não formal e em projetos de transformação social.

Apresentadas as protagonistas deste estudo, na sequência, são evidenciados os trechos de seus relatos capazes de trazer pistas para responder à pergunta-problema, através dos momentos em que a estigmatização e a gordofobia são, de diferentes formas, exploradas ou referenciadas dentro das histórias.

Os relatos das protagonistas

Os dados apresentados a seguir discorrem sobre momentos em que a estigmatização do corpo gordo aparece de maneira direta ou indireta nas vivências das recordadoras. Os principais trechos, de potencial interpretativo, foram dispostos em quadros e dizem respeito aos

[1] Municípios no estado de São Paulo, Baixada Santista, no litoral paulista.
[2] Estes relatos fazem parte de uma pesquisa doutoral, aprovada pelo Comitê de Ética.

eixos temáticos: lembranças de estigmatização do corpo gordo e consequências; lembranças de compensações em decorrência do estigma; lembranças de falas e situações gordofóbicas; magra *versus* gorda, diferenças evidenciadas pelo estigma; lembranças de dificuldade com roupas e a gordofobia na moda.

No primeiro eixo, demonstra-se como ser uma pessoa gorda interferiu nas relações de amizade, na autoestima e sensação de pertencimento a grupos e à comunidade. Essa pertença é a base da perspectiva da civilidade, e as dinâmicas da sociedade incivil, a partir da gordofobia, impactam diretamente a possibilidade de pertencer:

Quadro 1 – Lembranças de estigmatização do corpo gordo e consequências

"Eu era a gordinha legal da turma, então acho que isso moldou muito o meu caráter de tentar ser aceita. Tipo tentar até é... não, não delimitar limites pra que eu seja aceita porque você já está fora do eixo quando você é gorda, né? Tipo: porra, se já estão me aceitando gorda, então, eu preciso dar muito valor a essa galera que está me aceitando gorda, porque é isso! Todo mundo, a sociedade inteira fala que ser gorda é o 'ó', é uma merda, então tipo... pra mim, era muito forte essa questão de existir dentro de um grupo" (Aline).
"Na quinta série tinha essas meninas que eram minhas amigas; no sexto ano, tinha as meninas que tiravam sarro mesmo e um dia a professora chamou a gente pra sair. E eu lembro que uma menina chegou e quando eu levantei a menina gritou e falou assim: 'Gente, sai da frente porque a hipopótama vai passar e vai derrubar todo mundo!'. E eu estava passando. Quando eu comecei a passar ela começou a pular como se eu estivesse derrubando todo mundo, empurrando as meninas, e todo mundo riu. Eu olhei bem pra cara dela, tentei ignorar e fui embora" (Beatriz).
"Muitas pessoas te olham, te desejam (magra). Na boa, você tem um outro corpo e uma outra vida, muitas pessoas te falam que você é bonita, que você é linda, que você é maravilhosa. Quando você está com 99 kg... meu Deus! As pessoas nem te olham" (Cecília).
"Acho que quando era mais nova eu tinha mais medo, assim... mais insegurança por achar que eu não era tão bonita como as meninas que tinham cabelo comprido, né? Que tinha uma cintura fina. [...] Nós éramos sócias de clubes, mas a minha mãe não deixava ir, mas eu ia à noite, às vezes. Por receio, ela não gostava, ela achava que a gente ia sofrer preconceito. [...] 'Ih você tá gorda, essa barriga tá grande, você vai pôr biquíni? Todo mundo vai rir de você'" (Diana).
"Aí na escola rolava muito *bullying*, muita gente me zoava, me xingava, isso e aquilo... e aí quando as pessoas mexiam comigo mesmo que eu ficava meio que retraída, só que eu andava com aquele grupo que todo mundo... eram os oprimidos, sabe? [...] Só que aí nessa que eu comecei meio que atacar todo mundo da escola, aí meio que ficou com uma faminha, sabe? Então as pessoas pararam de zoar, de xingar, algumas queriam até... 'Ah, vamos andar com a Érica, porque aí ninguém mexe com nós'" (Érica).
"Já não gosto (de colocar biquíni), eu não me sinto bem. Não tenho coragem, não, [tenho] vergonha. Se eu for na piscina e tiver só os amigos, a parte de cima. Eu acho feio. [...] Se eu usar blusa sem manga já não me sinto bem" (Fátima).
"Acho que assim, esbarra um pouco na juventude assim... Ah! Com alguns detalhes, assim, de sair com as amigas e não ser a escolhida do rolê. E a gente ia muito pro rolê, né? E era um barzinho assim, com som e tal... e de eu ir sozinha para o banheiro e ver que as pessoas reparavam, assim, que chamava atenção de alguns caras. Mas se eu tivesse com qualquer outra pessoa, eu era a amiga que ia facilitar para o cara pegar a amiga, então, eu nunca era vista assim nesse sentido" (Giovana).
"Nunca fui a noivinha, nunca fui escolhida para ser... né? Destaque nenhum na escola. [...] Então lembro que, na escola que eu estudava, tinha a '*miss*' e o '*mister*' caipirinha, né? Que era algo que minha família toda se empenhava para comprar aqueles negócios dos votinhos, mas, assim... nunca era a noivinha da festa, porque tinha que ser a loirinha bonitinha, né? [...] Mas eu lembro da expectativa, mas também da negação de possibilidade de zero assim, né?" (Helena).

Fonte: Relato de vida das recordadoras.
#PraTodoMundoVer No quadro, as falas das recordadoras retratam as lembranças sobre momentos em que a estigmatização do corpo gordo trouxe consequências às suas vidas.

As lembranças apresentadas trazem as perspectivas da invisibilidade do corpo gordo, da percepção de que certos espaços e possibilidades são inatingíveis, do cerceamento vivido em várias ocasiões, da sensação de vulnerabilidade e insegurança em decorrência da gordofobia.

Essa sensação de tentar ser aceita e pertencer ao grupo de amigos/colegas foi destacada por Beatriz, que elencou diversas lembranças relacionadas a amigos, algumas de amigos que

Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 34(3): e108937
DOI: 10.1590/1806-9584-2026v34n3108937

representavam acolhimento e pertencimento e outras que representavam traumas produzidos especialmente durante o período escolar. Uma marcou em especial, quando foi chamada de "hipopótama" e satirizada em frente à turma. Ela relata que costumava ignorar esse tipo de ataque. Já Érica contou ser mais reativa; ela atacava e se defendia de forma mais agressiva ao *bullying*, especialmente quando eram direcionados aos seus amigos, seu grupo de acolhimento.

As falas e ações gordofóbicas, relatadas nas histórias de vida, têm conexão direta com a forma como os conteúdos sobre o corpo gordo circulam. Esse contexto de socialização com uma rede de amigos, e da necessidade de pertencer perante a comunidade, se mostrou ainda mais intenso durante a infância e juventude. É principalmente nesses períodos que é citada, nas lembranças, a sensação de precisar sempre estabelecer um critério de compensação para ser aceita pelos colegas.

Quadro 2 – Lembranças de compensações em decorrência do estigma

"Na minha adolescência, eu sempre fui essa pessoa mais gorda da turma, mas que tentava compensar. Eu acho que uma pessoa que está fora do padrão magro de ser principalmente mulheres e meninas, né? Que tem essa questão muito forte do ser aceita socialmente, eu acho que eu tentava compensar com a inteligência, porque eu sempre gostei muito de ler, e com a passividade de ser legal" (Aline).
"Já que eu não podia é... como posso falar? Não tinha namorado, não era tão bonita e era gorda. Eu tinha que ser, pelo menos, a alegre da sala e a que escutava todo mundo. Então eu tinha essa visão minha, mas eu ficava de boa, fiquei até o oitavo, aí no oitavo ano, então eu participava das coisas da escola porque, assim, os meus destaques que eu participava dos desfiles de escola, eu é... era obediente de professora, eu tinha meus cadernos todos encapados perfeitamente, fazia todas as lições corretas, então, era uma aluna nota dez. Mas era a maneira que eu tinha de mostrar o meu valor" (Beatriz).
"Eu sempre fui quietinha, não sou muito de falar, né? Sempre a melhor aluna da sala, uma das melhores, participava de competição de matemática, essas coisas.... só que o *bullying*, né? O povo de zoar, isso e aquilo..." (Érica).
"Aí sempre fui uma pessoa que, no ambiente escolar, eu era amiga de todo mundo... a pessoa que sempre ajudava todo mundo, né? Aí quando eu fui na adolescência também... eu vejo hoje, que essa questão do corpo... não me davam o espaço do padrão, então eu já nem me colocava. Não me frustrava, mas eu também não me colocava assim, né? Na disputa de um garotinho famosinho da escola" (Helena).

Fonte: Relato de vida das recordadoras.
#PraTodoMundoVer No quadro, as falas das recordadoras trazem as lembranças sobre as compensações que fizeram ao longo da vida, na tentativa de reduzir as consequências da estigmatização do corpo gordo.

Essa intenção de "compensar" comportamentalmente uma característica corporal em muito se relaciona com a forma como o corpo gordo é visto e tratado socialmente. É a força dos estigmas que dá a sensação para essas mulheres, em algumas fases da vida, de que precisam se adequar ou, minimamente, fortalecer outras características socialmente bem-vistas para que o corpo gordo não se torne central nas relações interpessoais.

Se em alguns momentos esses estigmas se manifestam de maneira indireta, em uma superestrutura invisível, mas que se materializa de forma sutil em situações, comportamentos e contextos, por outro lado, algumas lembranças são bem incisivas por conter momentos de verbalização máxima da gordofobia, com chacota e menosprezo ao corpo da menina/mulher gorda.

Quadro 3 – Lembranças de falas e situações gordofóbicas

"Depois de adolescente que ela (minha mãe) falava assim 'Ó! Está vendo a sua amiga? A fulana veio aqui. Você viu? Fulano veio aqui, ó! Cinturinhas de pilão, tão magrinha, tão bonitinha e tu ó, roliça'. Fazia essas comparações muito em casa. [...] Adolescente com doze, treze anos e a minha irmã, meu apelido em casa era gorda, baleia, saco de areia, na rua também, era baleia, era isso, era hipopótamo, elefoa" (Beatriz).
"Eu batia nas pessoas na escola quando elas me chamavam de bujão, por exemplo" (Cecília).
"Eu era muito cobrada, porque eu era gorda, que eu era gorda, eu cresci ouvindo que eu era gorda. 'Ah, você tem altura, mas você é gorda.' 'Ah, você não pode ir na piscina, porque você é gorda.' Além de outros preconceitos que a minha mãe tinha e que foi incutindo" (Diana).

"Minha irmã mais nova, né? Eu tenho só ela de irmã... E ela era muito, muito caçoada, ela era muito assim... o alvo dos primos, de tirar sarro. E aí é muito louco, né? Porque eu acho que a opressão, ali, não era diretamente comigo, mas acabava sendo, né? Porque você fica ali meio que se controlando para... eu, pelo menos, acho que era assim, do tipo, não posso ultrapassar minha irmã, né? (no peso) Eu não posso pegar esse posto dela. Deixa ela ter que lidar com isso assim, né? [...] Era bem zoada assim, pela família toda" (Giovana).

Fonte: Relato de vida das recordadoras.
#PraTodoMundoVer No quadro, as falas das recordadoras trazem as lembranças de momentos em que as mulheres foram vítimas de situações gordofóbicas e preconceituosas em suas vidas.

As lembranças relacionadas aos estigmas e à gordofobia vividas por essas mulheres afetam diretamente a forma de autopercepção/autoestima e, muitas vezes, levam a atitudes extremas para a tentativa de perder peso, com dietas restritivas, ingestão de medicamentos com foco em emagrecimento ou cirurgia bariátrica. Esse entendimento, porém, não pode ser observado de maneira reducionista ou generalizada: nem toda mulher que busca emagrecimento por uma dessas vias o faz em decorrência da estigmatização. Mas há evidências sobre como essa perspectiva de incivilidade acaba afetando diretamente algumas escolhas dentro das histórias de vida.

Essas histórias têm como ponto de encontro alguns momentos de perda de peso severa ocasionada pelos mais diversos fatores. O emagrecimento e a dualidade magra/gorda também são pautas constantes nessas histórias, das mais diversas formas. São histórias sobre emagrecimento dentro das histórias de vida e que significam muito a partir da interpretação sobre a diferença.

Quadro 4 – Magra *versus* gorda: diferenças evidenciadas pelo estigma

"As pessoas te enxergam com 130 kg, mas, socialmente falando, você é invisível. As pessoas não são cordiais com você. As pessoas te olham com pena, te julgando. É... elas não querem saber o porquê que você está chegando aos 130 kg. [...] O quanto a sociedade ela menospreza o corpo gordo por achar que ele é realmente invisível. Então é muito forte isso. [...] Por exemplo, eu com 120 kg fazendo essa bicicleta, andando de bicicleta, se eu precisasse de qualquer ajuda por causa de um pneu murcho e eu parasse no posto ninguém me ajudava, ninguém. Eu sendo uma mulher gorda eu não tinha nenhum tipo de ajuda, nenhum acesso de nada, nenhum sorriso, nem um bom dia! Eu com 80 kg, eu era muito vista, eu era muito querida, as pessoas olhavam e falavam 'Você quer ajuda?'. As pessoas riam pra mim!" (Aline).
"O que é ser uma mulher de 130 kg e o que é ser uma mulher de 80 kg? Socialmente falando. Você passa de ser uma mulher invisível, independentemente do seu tamanho, porque ser uma mulher de 130 kg, você ocupa muito espaço, você é uma pessoa visivelmente falando. [...] Quando você chega aos 80 kg, principalmente depois de passar por uma história de superação, porque a perda de peso é uma superação dentro da sociedade, né? É... você eliminar peso e se enquadrar num padrão social imposto que as pessoas olham e falam: a magreza é algo bonito de se ver, te deixa visível. Ou seja, eu passei de uma mulher enorme invisível pra uma mulher menor e visível" (Aline).
"'Nossa, como você tá linda!'. Não era mais aquela coisa assim... 'Ai, você é gorda, mas tem um rosto, um rosto lindo'. [...] 'Nossa, como você tá linda, você emagreceu! Viu como você ficou mais bonita? Viu como que você... não que você não fosse bonita, mas olha aqui como você ficou, nossa!'. [...] 'Você sempre andou muito bem arrumada, mas agora você está até mais feliz', como eu fosse gorda e não fosse feliz. E a vontade que eu tinha de dizer pras pessoas era que eu não sou feliz porque vocês fazem com que eu não seja feliz, né? Eu acabava assim, é... como se eu entendesse o ponto de vista delas e aceitava. Porque assim, a minha mãe fazia as coisas com a gente, que a gente tinha que aceitar tudo, né?" (Beatriz).
"Eu vou ter noção da gordofobia e eu vou ter noção do meu tamanho depois que eu emagreço. Que aí eu começo a ver as fotos de eu magra, e eu começo a ver o quanto o tratamento mudou, das pessoas que me cercavam. E é nessa hora que a minha ficha cai, depois de magra" (Giovana).
"Quando eu tô no final do terceiro ano de faculdade eu faço cirurgia. Então, quando eu volto no quarto ano eu tô magra, praticamente foi isso. E eu senti muito esse impacto de validação dos professores, assim. Então, eu não sei dizer assim exatamente, mas, assim, é impressionante como você é mais levada a sério, mais respeitado, quando você dá uma opinião, quando você fala alguma coisa num corpo mais magra, assim" (Giovana).

Fonte: Relato de vida das recordadoras.
#PraTodoMundoVer No quadro, as falas das recordadoras trazem as lembranças sobre as diferenças de tratamento que tiveram, ao longo da vida, quando estavam com corpo gordo ou magro.

No âmbito da invisibilidade do corpo gordo, Aline trouxe uma lembrança de quando andava de bicicleta, que é capaz de exemplificar algumas consequências dos estigmas do corpo gordo e o modo como refletem nas relações. Ela relata que, no ápice de seu peso, com cerca de 130 kg, além de sofrer o ódio e a violência simbólica no cotidiano, muitas vezes, se sentia invisível. A frase "as pessoas te enxergam com 130 kg, mas, socialmente falando, você é invisível" é simbólica e representativa sobre o sentimento de Aline.

No momento em que trouxe à tona essa memória, Aline mostrou uma foto em que aparece com cabelo muito comprido, preto e liso, relata ser o maior que teve durante a vida, quando emagreceu. Para ela, isso representa uma suposta feminilidade imposta naquela situação, a ditadura dos padrões estéticos a que foi submetida: "você é magra querem que você seja... uma pessoa observável e, para isso, você tem que chamar essa atenção com apetrechos da feminilidade, que é o padrão que esperam de você" (Aline). A estética desses atributos de feminilidade e da concepção normativa de beleza se somou à magreza. Com esse corpo, Aline era tratada de maneira diferente: passou a ser vista e admirada. Outro aspecto representativo da história de Aline é a percepção dessas violências conectadas às perspectivas cisheteronormativas. Ela demonstra, ao longo da sua história, que esses papéis sociais que se sentia forçada a exercer se conectavam com o contexto de heterossexualidade que vivenciava na ocasião. Aline é uma mulher lésbica e olha para esse passado de violências a partir de um viés de criticidade, ressignificando tudo aquilo que viveu.

As diferenças de percepção de tratamento e de elogios após emagrecimento também marcam as lembranças de Beatriz e Giovana. As duas passaram por cirurgia bariátrica e experienciaram o corpo magro. A experiência de viver em um corpo considerado magro e um corpo considerado gordo traz a perspectiva da diferença para a percepção. Elas relatam uma brusca mudança nas interações com as pessoas, com falas de apreço e admiração. A magreza, nesse sentido, é considerada uma conquista e elas, portanto, vitoriosas e dignas de respeito por terem alcançado aquele padrão, dentro de uma moralidade vigente, em contraposição à imoralidade vinculada ao corpo gordo (Vigarello, 2012).

Para lidar com essa e outras questões, as recordadoras lembraram, em diversos momentos, a importância de cuidar da saúde mental e da forma como buscavam por auxílio através do processo terapêutico. A terapia, como forma de ressignificar o passado no presente e como estratégia de autocuidado, foi referenciada e colocada em lugar de importância nas histórias de vida.

Além da saúde mental, outro conteúdo de importância foi lembrado ao longo dos relatos e diz respeito às consequências da estigmatização: problemas com roupas. Em praticamente todos os relatos foi evidenciada a dificuldade de encontrar roupas e o alto custo de peças com tamanhos maiores.

Quadro 5 – Lembranças de dificuldade com roupas e a gordofobia na moda

"A vestimenta mudou muito, com essa questão da representatividade e de mulheres batendo nessa tecla do corpo livre e tal. Então, a moda se modificou porque 2014, lá na primeira vez que eu fiz a dieta, quando eu estava a primeira vez obesa, realmente faltavam opções pra gente se vestir, então, você tinha que se vestir com o que dava, tipo, não tinha condições de você achar uma roupa pra uma pessoa de 23 anos, era só uma roupa de senhoras, né?" (Aline).
"Olha, [com] a roupa eu tive alguns problemas. Eu lembro uma época em que eu comprava muito roupa em loja de... aquela loja que tem no Gonzaga. Só tem roupa de gente gorda. Comprava muita roupa linda. Então, assim, eu sempre conseguia, né? Me safar" (Beatriz).
"Às vezes, eu fico um pouco irritada. Porque eu quero comprar uma roupa e nunca tem o meu número. [...] E também, assim, uma variedade de cores, né? Porque o que eles pensam: *plus size*, roupa estampa. E eu não quero roupa estampada" (Diana).
"Em questão de roupa pequena era ruim porque, assim... às vezes, eu queria, ai, a roupinha de personagem, não... já tenho que usar adulto 'P', aí isso era ruim, né? Meio que já usava roupa de adulto, não era roupa de criança. E na adolescência, como eu gostava muito de moda, tudo eu customizava. [...] Tudo meu é estilizado. [...] Só que é muito mais caro, né? (roupas de tamanho maior) Tipo, o *shorts* da fulana ali pagou R$50,00, eu pra ter é R$120,00, é muito mais difícil" (Érica).
"Ah, dificuldade tem! (de comprar roupa). Tenho até hoje. [...] É muito ruim, e quando você acha o preço é muito alto. [...] Tem que pegar o que tem, né? [...] E agora, tipo assim, agora tem mais modelo de roupa. Igual calcinha, pra você achar antigamente, grande, era horrível. Agora você acha com facilidade, mas, antigamente, não achava" (Fátima).

"Acho que uma coisa que eu gostei também de estar mais magra é de comprar roupa barata, de achar roupa legal, bonito e o baratinho. [...] Muita dificuldade (eu tinha para achar roupa) na minha época da adolescência, assim, início da vida adulta obesa, não tinha essa moda do *plus size*, como tem hoje, assim" (Giovana).
"A questão da roupa, assim... eu curto muito isso! E isso me pegava porque hoje tem uma variedade, mas, antigamente, não tinha possibilidade nenhuma, né? Você queria uma calça jeans ou era aquela coisa horrorosa, ou nem cabia em você. Porque não tinha essa coisa do *Plus* não tinha um tamanho maior, era muito... e eram aquelas marcas assim famosas vai, pakalolo, eu lembro disso. Era só as marcas que as minhas amigas usavam, mas não tinha roupa pra mim lá" (Helena).

Fonte: Relato de vida das recordadoras.
#PraTodoMundoVer No quadro, as falas das recordadoras trazem as lembranças sobre as dificuldades para encontrar roupas de numeração maior, e as situações de gordofobia vividas nesse contexto da moda.

Ao abordar a temática roupas, as lembranças das recordadoras trazem os mais variados problemas: ausência ou dificuldade de encontrar peças do tamanho adequado; pouca variedade e roupas muito fechadas, consideradas feias ou desconfortáveis; alto custo de roupas com a numeração maior; dificuldade de encontrar numeração adequada para roupas infantis.

Para fugir de todas essas armadilhas, Érica aprendeu a customizar suas peças. Ela traz, em suas lembranças, momentos em que comprou peças simples e as transformou, muito pela dificuldade de encontrar roupas, de sua numeração, que combinassem com seu estilo.

Helena, que ama moda, até vende roupas e tem observado melhoras no setor, que agora apresenta maior variedade, mas ainda com um custo elevado. As lembranças da época de infância também apareceram. Helena lembra quando tinha que vestir roupas de tamanho adulto e, com isso, não encontrava nada que lhe servisse nas marcas específicas para crianças.

Apresentados os quadros, com as principais lembranças organizadas em cinco eixos temáticos, na sequência, são elencados os potenciais interpretativos de cada um desses momentos, imbricados à teoria.

Análise interpretativa

O primeiro eixo temático destacou as lembranças sobre estigmatização do corpo gordo e as possíveis consequências geradas. Observa-se que as lembranças que vinculam as histórias de vida aos conteúdos comunicacionais, relacionados aos estigmas do corpo gordo, perpassam toda a temporalidade das histórias de vida das mulheres, manifestados, por vezes, na infância, adolescência e vida adulta. São falas e ações preconceituosas ou reflexos desses estigmas na autopercepção, que foram relatados a todo momento.

Essas situações de estigmatização do corpo gordo ocasionam gordofobia e marcam profundamente essas histórias de vida. Como exemplo, destacam-se situações, apresentadas nas histórias, sobre a importância da sensação de pertencimento em grupos de amigos, especialmente nas fases escolares e na infância e juventude.

Um momento representativo dessas violências ao corpo gordo na infância aparece nas lembranças de Beatriz, que tem marcado em sua memória o fato de ter sido chamada de hipopótama e elefoa, no período escolar. Esse processo de animalização é explicado por Geni Núñez (2022) a partir da perspectiva da diferença/inferiorização. Animalizar uma mulher (naquela memória, uma criança) é um ato de subalternização característico de um pensamento colonial. Comparar Beatriz a um animal, de maneira pejorativa, faz parte de um processo de "naturalização das hierarquias entre humanos e os demais bichos" (Núñez, 2022, p. 111), desumanizando para inferiorizar. A animalização, nesse sentido, foi uma forma de violência que afastou Beatriz da possibilidade de pertencer.

Nota-se, portanto, que as lembranças associadas aos amigos e colegas têm, também, o atravessamento do corpo gordo, demonstrando que os estigmas compartilhados tinham um grande impacto e permanecem como memória. As piadas, em tom gordofóbico, ou mesmo os aspectos de exclusão em certos grupos sociais, muitas vezes, são associadas ao corpo gordo e às consequências de sociabilidade geradas em um cenário de preconceitos. Essas violências da estigmatização têm, ainda, o atravessamento das questões étnico-raciais, quando, nas memórias das recordadoras pretas, a sobreposição de violências aparece ainda mais forte, considerando o racismo vivenciado. Como Cynthia Montalbetti (2022) alerta, resultado de uma construção do corpo branco e magro/delgado, naturalizado como corpo hegemônico e único corpo possível para socialização.

O segundo eixo trouxe lembranças de compensações geradas em decorrência do estigma. Essa compensação é uma demonstração da gordofobia implícita nas relações sociais, e que se manifesta, não raro, de maneira não verbal, em camadas subjetivas. As consequências

de incivilidade associada à estigmatização atuam no sentido do não pertencimento. Com as violências sofridas a partir da gordofobia, as reações são de: vergonha, reatividade ou hostilidade para combater a violência, fuga, raiva, ou estratégias para tentar invalidar a violência sofrida, como ignorar ou buscar compensações comportamentais para tentar a validação do grupo e pertencer.

Esse sentimento da necessidade de algum tipo de compensação por não se adequar aos padrões normativos foi lembrado por Aline, Beatriz, Érica e Helena. As lembranças demonstram diferentes tipos de compensação. O uso deste termo foi escolhido justamente por ser citado nas lembranças. Aline conta como era essa sensação que tinha, que deveria compensar o fato de ser gorda com outros comportamentos, como a inteligência, a simpatia, seu potencial comunicativo e de estabelecer relações interpessoais.

Esse tipo de relato acaba levando para o estereótipo da mulher gorda que é alegre, divertida, muitas vezes, utilizado em produtos midiáticos. Aline, Beatriz, Érica e Helena têm personalidades muito diferentes, mas contam como se comprometiam com os estudos. Beatriz relata que ser obediente à professora e tentar ser sempre a melhor aluna era uma tentativa de estabelecer algum tipo de equilíbrio que diminuísse o impacto do preconceito por ser uma menina gorda: "se desse certo, se eu fosse bem-sucedida no serviço, se eu fosse bem-sucedida em uma prova, aí eu não ia ser a gorda burra, eu ia ser a menina que é inteligente" (Beatriz).

Nota-se como essa tentativa de compensação está baseada na construção identitária a partir de estereótipos/estigmas. Se Beatriz conseguisse fazer com que sua inteligência chamasse mais atenção do que sua aparência física, talvez, seu reconhecimento social fosse mais associado ao estereótipo da aluna estudiosa e menos dedicado ao estigma do corpo gordo.

Isso não significa, porém, que a autopercepção dessas mulheres esteja ancorada nesses estereótipos, muito menos que essa tentativa de compensação faça efetivamente com que a sua identidade social se modifique; isso porque, como Erving Goffman (1981) explica, entre a identidade social virtual (o que se espera) e a identidade social real (o que se é) há diferenças significativas.

O estigma faz com que a identidade social fique vinculada, prioritariamente, às características indesejáveis socialmente e consideradas desviantes (como o corpo gordo), ainda que essas mulheres sejam seres complexos, com diversas facetas e identidades compostas por diversos outros elementos.

Isso quer dizer que o estigma é determinante na maneira como essas meninas/mulheres são vistas e interpretadas, e irá impactar a forma como as pessoas com elas se relacionam e vice-versa. Tal percepção demonstra como o fluxo comunicacional na vida dessas mulheres estará sempre conectado ao estigma. Isso não quer dizer que elas serão satirizadas, ou sofrerão gordofobia a todo tempo, mas que, se historicamente seu corpo é considerado – de forma hegemônica – como divergente, todas as suas vivências terão esse atravessamento.

O terceiro eixo trouxe lembranças de falas e situações gordofóbicas. Como exemplo, Diana demonstrou as feridas causadas pelo preconceito, e os impactos permanentes dos estigmas vivenciados dia após dia, quando fala sobre ser cobrada constantemente, além de cerceada em algumas situações por ser gorda. Neste caso, o papel da mãe ganha destaque no compartilhamento deste padrão de violências simbólicas. Durante os relatos, ficou evidenciado como o impacto da fala das mães reverberava de maneira surpreendente na autopercepção e autoestima das recordadoras. Observa-se, com isso, que essas mães reproduzem preconceitos geracionais, também vivenciados ao longo de suas vidas, com padrões e cobranças estéticas atribuídas ao corpo da mulher.

É possível observar como o recorte de gênero, que se vincula aos estigmas, também torna as histórias de vida dessas mulheres ainda mais complicadas. Além de sofrerem com estigmas relacionados ao corpo gordo, as recordadoras igualmente associam situações de preconceitos que se relacionam ao fato de serem mulheres. Essas duas características juntas – ser uma mulher e ter um corpo gordo – fazem com que as questões de gênero e os estigmas interfiram de forma dupla em uma só história, aumentando a força do preconceito. Aline destacou esse recorte de gênero, por ter vivenciado um relacionamento com um homem gordo e sentir nas situações que vivia a diferença de tratamento.

No quarto eixo, "Magra *versus* gorda: diferenças evidenciadas pelo estigma", demonstra-se como a gordofobia se materializa dentro dessa diferenciação que não se reduz às diferentes formas corporais, se manifesta através da comunicação, da forma de socialização de uma mulher magra e de uma mulher gorda. Giovana, por exemplo, contou que estava na faculdade durante o emagrecimento abrupto que vivenciou, e que passou a ser validada, ouvida, respeitada como nunca havia sido.

Na história de Beatriz, as diversas tentativas de emagrecimento têm um fator de impacto em suas lembranças. Nas fases de vida em que o corpo magro é alcançado, Beatriz demonstra uma associação direta da magreza como valor de conquista de algo desejado. O desejo está vinculado ao imaginário de sucesso que a magreza representa.

Beatriz lembra que até mesmo seus sentimentos passaram a ser vistos de forma diferente. As pessoas diziam que ela aparentava estar mais feliz, como se, com o corpo gordo, a felicidade fosse uma contradição e, com a magreza, uma necessidade.

As histórias de vida de mulheres que vivenciam ou vivenciaram o corpo gordo têm diversos recortes sobre emagrecimento e que marcam a dinamicidade corporal ao longo da vida. Corpos que se adaptam a diferentes momentos de vida, em diferentes formas. Os gatilhos que levaram essas mulheres (nas lembranças relatadas) a buscarem por um processo de emagrecimento são variados, e não representam a generalidade de todos os casos e nem equivalem às histórias de todas as mulheres, dada a singularidade de cada trajetória.

A importância dessas lembranças de mudanças abruptas de peso e dos processos de emagrecimento vividos por essas mulheres se relaciona aos significados nelas implicados, até mesmo sobre a autopercepção/autoconhecimento e interpretação da própria vida. Foi através dessas histórias de emagrecimento que as narradoras puderam observar criticamente as diferenças do tratamento social dado a elas quando consideradas magras ou gordas.

A história de Aline é interessante pela proporção que tomou seu processo de emagrecimento. Ela conta que seu gatilho para buscar emagrecimento foi a dificuldade de mobilidade e as dores na perna. Na ocasião, relata que, junto à sua mãe, procurou por auxílio médico, com intuito de realizar uma cirurgia bariátrica para acabar com o sofrimento intenso que sentia. A palavra sofrimento e mesmo essa intenção de "mudar de vida" demonstram o que o corpo gordo representava naquele momento. Eram questões multifatoriais e que diziam respeito a diversas esferas da vida e da saúde (dentro de um entendimento ampliado de saúde).

Ao procurar auxílio médico, Aline teve a resposta de que, mesmo que para realizar a cirurgia bariátrica, ela teria que perder cerca de 10 kg. Ela, então, pensou que o esforço empregado para perder 10 kg poderia ser estendido para o restante do processo de emagrecimento e, então, desistiu da cirurgia bariátrica. A partir dessa decisão, ela conta que a única meta de vida era emagrecer, "o projeto de vida da magreza" (Aline).

Nesta fase, o emagrecimento tomou todas as atenções em sua vida: "acho que eu só pensava em ficar magra. Eu não pensava em nenhuma outra possibilidade além de ficar magra". Esse foco passa a aumentar porque todo processo de emagrecimento foi sendo relatado em uma página de *Instagram*.

Com isso, toda a lógica comunicacional relacionada à publicização desse processo de emagrecimento foi fazendo com que ele se tornasse maior, com grande impacto em sua vida. Não era mais apenas uma meta pessoal: Aline passou a conquistar seguidores, admiradores, pessoas que começam a acompanhar o dia a dia de seu emagrecimento veiculado passo a passo em sua rede social. "As pessoas foram chegando e foram (falando), tipo, 'cara, você é uma inspiração... não sei o quê'. E isso foi movimentando o meu querer estar ali, né?" (Aline).

Com o compartilhamento do emagrecimento intenso de 50 kg (através de reeducação alimentar e atividades físicas), Aline passou a se tornar uma referência no assunto. Foi procurada por diversos veículos de comunicação e, até mesmo, pelo Ministério da Saúde, através do Projeto Saúde Brasil, para falar sobre como havia alcançado aquele objetivo. O Projeto Saúde Brasil "foi criado em 2017 para incentivar e apoiar os Brasileiros a terem uma alimentação mais saudável, praticarem atividade física, cultivarem um peso saudável e abandonarem o cigarro" (Brasil, 2024, p. 1). Aline forneceu um relato sobre seu processo de emagrecimento para o Projeto, contando sobre a mudança de seus hábitos alimentares e de atividades físicas, quando perdeu 50 kg.

Evidencia-se que, com o emagrecimento, Aline passa a ser vista como uma vencedora, sua imagem passa a ser associada à de sucesso e superação. Ela relata que, ao alcançar sua meta, a sensação era de não saber o que fazer com aquilo: "é aquela metáfora: a gente sobe o monte Everest e chega lá no topo e fala 'Ah, tá. Que legal, vamos descer?'" (Aline). A proporção dessa história de emagrecimento evidencia o inverso da estigmatização do corpo gordo. Vista como uma vencedora, ela ganha visibilidade justamente por chegar "ao outro lado", livrar-se do estigma e se tornar um exemplo a ser seguido para quem desejasse alcançar o mesmo sucesso.

As lembranças do processo de emagrecimento têm o recorte do comparativo. Ao ser considerada magra, Aline começou a perceber diferenças em suas relações interpessoais, especialmente por ter seu processo divulgado de maneira pública e ter se tornado uma pessoa influente naquele nicho.

Outro exemplo impactante é o emagrecimento abrupto de Beatriz, após cirurgia bariátrica. O procedimento cirúrgico trouxe diversas consequências que ultrapassaram a perda de peso. Beatriz teve problemas com a autoimagem e não conseguia olhar no espelho e reconhecer seu processo de emagrecimento. Esse mesmo comportamento se estendeu após sua cirurgia de abdominoplastia; independente das mudanças estéticas ou de saúde, ela passou a não se reconhecer, seu corpo havia mudado, mas sua autoestima abalada ainda era a mesma.

Esse sofrimento que passa pelas lembranças de Aline e de Beatriz tem como parte de suas origens a relação com o corpo gordo e toda a pressão social enfrentada sempre no centro da

vida, a todo momento. Mesmo em períodos de magreza, fica evidente que a dualidade magra/gorda afeta diretamente a vivência dessas mulheres.

O quinto eixo aborda lembranças de dificuldade com roupas e a gordofobia na moda. Essas recordações sobre não encontrar uma variedade em que a mulher possa escolher aquilo que é de seu agrado são reflexos da incivilidade e do contexto hostil enfrentados por essas mulheres em demandas simples da rotina, como se vestir.

É cerceado o direito à escolha, na medida em que essas mulheres, em muitas ocasiões, vestiram aquilo que cabia, ou aquilo que era possível dentro das possibilidades financeiras, dado o custo elevado de roupas consideradas *plus size*. A própria caracterização da roupa como *plus size*, ou de tamanho maior, demonstra que aquele não é o padrão do mercado. Com isso, marcas se especializaram nesse nicho de mercado "fora do padrão" que, consequentemente, custa mais.

Nota-se como a estigmatização da mulher gorda, e a gordofobia acarretada, perpassa diversas esferas da vida social. A estigmatização é complexa e não se resume aos xingamentos ou a chacotas, tem diversas camadas: financeira, social, política, de saúde, comunicacional. Com todas essas consequências previstas na vida das mulheres, "[...] cabe a leitura de que a estigmatização do corpo gordo é também um sintoma de uma sociedade incivil" (Mayara Silva; Ana Carolina Temer, 2022, p. 330). Essa sociedade incivil (Muniz Sodré, 2021), do ódio, da desagregação, do não pertencimento, é produto da contemporaneidade e afasta do acesso à cidadania.

Considerações finais

As histórias são relatos singulares, com dores, medos, estigmas sofridos, estigmas reproduzidos, com a exposição honesta de erros e acertos, de tentativas constantes de evolução, de continuar caminhando, às vezes com equilíbrio, às vezes com desarmonias, altos e baixos. Aline se questionou durante seu relato: "o equilíbrio existe mesmo?". O corpo de mulheres gordas é a materialização da complexidade da existência em suas diversas formas e possibilidades, mas a força da estigmatização reverberada em conteúdos comunicacionais apaga a complexidade desses corpos e os reduz a estereótipos nocivos.

A existência da mulher gorda no ambiente social é impactada diretamente pela significação de seu corpo. A forma como a estigmatização do corpo gordo impera, adicionada aos recortes de gênero e racialidade de mulheres que são subalternizadas e de corpos considerados públicos, tem impacto direto sobre a dificuldade de acesso à cidadania, à saúde e às relações de pertencimento e da possibilidade de buscar e acessar direitos.

A significação atribuída ao corpo da mulher gorda como desviando ao padrão esperado pôde ser percebida ao longo dos relados de vida. É através das lembranças sobre as relações interpessoais, em situações de convívio social, que se nota como a percepção do outro impacta a autopercepção, como a exemplo das histórias contadas ao longo da análise. Essa reverberação do estigma só acontece e se consolida socialmente através do compartilhamento simbólico e de uma opinião pública que reafirma padrões e visualidades, em que o corpo branco, delgado e cisheteronormativo é o único esperado e propagado, moralmente aceito.

Os relatos de vida apresentados trazem estigmas históricos aparentes, gritantes, presentes nas mais diversas lembranças. A continuidade histórica desses estigmas fica evidente na fala de Diana: "e eu era muito cobrada, porque eu era gorda, que eu era gorda, eu cresci ouvindo que eu era gorda. 'Ah, você tem altura, mas você é gorda.' 'Ah, você não pode ir na piscina, porque você é gorda'" (Diana).

São cobranças provenientes da estigmatização do corpo gordo consolidadas e passadas através das gerações. É um padrão estético que, apesar de passar por tendências diversas em curtos espaços de tempo, mantém a normativa de corpos magros considerados adequados e corpos gordos considerados desviantes. Nesse sentido, o recorte de gênero é determinante, com violações cotidianas ao corpo, segurança e bem-estar de mulheres.

Os estereótipos da magreza, difundidos através de conteúdos, afetaram diretamente essas mulheres, que passaram a observar as diferenças de socialização sendo uma mulher gorda ou uma mulher magra. As tensões comunicacionais da dualidade gordo/magro eram escancaradas quando esse tipo de conteúdo chegava às mulheres e as impactava, na medida em que elas começaram a observar com maior assertividade as violências simbólicas sofridas.

Essa violência é fruto do incivilismo social previsto por Sodré (2021) e vivenciado na contemporaneidade. Esse contexto incivil da sociedade pode ser observado nos discursos de ódio, na aversão e na intolerância gerados no contexto neoliberal. Sobrepujado pelo estigma, o impacto do incivilismo na vida de mulheres gordas é ainda maior e afasta a possibilidade de essas mulheres terem acesso à cidadania e, especialmente, da cidadania civil, dimensão radical do ser social (Adela Cortina, 2009). A integração à sociedade civil é dificultada para mulheres com corpo gordo por todo contexto simbólico de seus corpos estigmatizados e considerados

como desviantes. Os estigmas e a gordofobia vivenciados são, portanto, demonstrações de uma sociedade incivil.

Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2010.

ARRUDA, Agnes de Souza. *O peso e a mídia: uma autoetnografia da gordofobia sob o olhar da complexidade*. 2019. Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) – Universidade Paulista, São Paulo, SP, Brasil.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Portal Saúde Brasil*, 2024. Disponível em https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil. Acesso em 12/08/2025.

CORTINA, Adela. *Ciudadanos del mundo: hacia una teoría de la ciudadanía*. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

MONTALBETTI, Cynthia Jazmin Luna. "Cuerpas gordas de Abya Ayala: colonialidad, racismo y gordofobia". *Revista Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v. 6, n. 1, p. 52-79, 2022. Disponível em https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/3941. Acesso em 17/11/2025.

NÚÑEZ, Geni Daniela. *Nhande ayvu é da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude*. 2022. Doutorado (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

PAIM, Marina Bastos; SELAU, Bruna Lima; KOVALESKI, Douglas Francisco. "Gordofobia nos serviços de saúde e violência de gênero contra as mulheres gordas". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 33, n. 1, e96405, 2025.

SILVA, Mayara Martins da Quinta Alves da; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. "Incivilidade, cidadania civil e a estigmatização da obesidade". *In*: XVI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE MÍDIA, CULTURA, CIDADANIA E INFORMAÇÃO. *Anais...* Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2022. Disponível em https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1072/o/semic2022_anais-eletronicos.pdf. Acesso em 12/08/2025.

SODRÉ, Muniz. *A sociedade incivil: Mídia, iliberalismo e finanças*. Petrópolis: Vozes, 2021.

VIGARELLO, Georges. *As metamorfoses do gordo: histórias da obesidade no Ocidente da Idade Média ao Século XX*. São Paulo: Vozes, 2012.

Mayara Martins da Quinta Alves da Silva (mmquinta@prof.unisa.br; mayaraquinta@gmail.com) é doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Professora na Universidade Santo Amaro (Unisa). Pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa em Comunicação, Consumo e Identidades Socioculturais (CICO) da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).

Simone Antoniaci Tuzzo (santoniaci@umaia.pt; simonetuzzo@hotmail.com) é Coordenadora e Professora do Curso de Relações Públicas e Gestão da Comunicação na Universidade da Maia – Porto, Portugal. Pesquisadora do CIAC – Umaia. Pós-doutora (2014) e doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003); mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (1997); Graduada em Relações Públicas pela Universidade Metodista de São Paulo (1988).

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer (ac2caes@ufg.br) é pós-doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal de Pernambuco. Doutora e mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Pesquisadora visitante do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação em 2023.

COMO CITAR ESTE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

SILVA, Mayara Martins da Quinta Alves da; TUZZO, Simone Antoniaci; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. "Desviantes: estigmatização e cidadania negada a mulheres gordas". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 34, n. 3, e108937, 2026.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Mayara Martins da Quinta Alves da Silva: Concepção, coleta de dados e análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados e edição.

Simone Antoniaci Tuzzo: Análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados e revisão.

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer: Análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados e revisão.

FINANCIAMENTO

A pesquisa foi aprovada por comitê de ética responsável (CEP/UFG), a partir do Parecer n. 5.303.036 e CAAE 55611222.9.0000.5083.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do documento.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY 4.0 International. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em 22/09/2025
Pedido de reapresentação enviado em 07/11/2025
Reapresentado em 24/11/2025
Aprovado em 26/11/2025

EDITORA RESPONSÁVEL

Cristina Scheibe Wolff 0000-0002-7315-1112

EDITORA CIENTÍFICA

Tânia Ramos Regina Oliveira 0000-0002-2477-0419